
RESENHA CRÍTICA DO CAPÍTULO IX

Marcus Vinícius da Silva¹ - Universidade Federal Fluminense - UFF

CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de **contato**, escrito pelas Professoras Ronice Muller de Quadros e Mara Massutti *In.*: QUADROS, Ronice M., de., PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Ed. FA Editoração, 2007.

A Professora Ronice Muller de Quadros possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (1992), mestrado (1995) e doutorado (1999) em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com estágio pela University of Connecticut (1997-1998) e pós-doutorado pela University of Connecticut e Gallaudet University (2009-2010). A Professora Mara Massutti possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Santa Catarina (1987), graduação em Letras-Inglês pela mesma Universidade (1988), mestrado em Letras-Teoria Literária (1995) e doutorado (2007). As professoras desenvolvem trabalhos na área de Surdez, Tradução e Interpretação em Língua de Sinais.

O livro *Estudos Surdos II* está dividido em nove capítulos, a saber: “História dos Surdos: Representações Mascaradas das Identidades Surdas”; “Cenas do Atendimento Especial numa Escola Bilíngue: Os Discursos sobre a Surdez e a Produção de Redes de Saber-poder”; “Professores Surdos: Identificação ou Modelo?”; “Pedagogia Visual/Sinal na Educação dos Surdos”; “Educação de Jovens e Adultos: Um diálogo sobre a Educação e o Aluno Surdo”; “O Currículo de Língua de Sinais e Os Professores Surdos: Poder, Identidade e Cultura Surda”; “Os Surdos nos Rastros da sua Intelectualidade Específica”; “Escrita das Línguas de Sinais” e, finalmente, “CODAs brasileiros: Libras e Português em Zonas de Contato”.

Nesta resenha será abordado o último capítulo, escrito pelas Professoras Doutoras Ronice Muller de Quadros e Mara Massutti. Logo na introdução, as autoras apontam qual será o objetivo do capítulo, o qual é analisar o contexto de uma CODA brasileiro em zonas de contato entre línguas faladas e de sinais, trata-se de um estudo de

¹ Pós-graduando em Leitura e Produção de Textos pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Graduado em Letras Português- Espanhol pela Universidade Federal Fluminense.

caso a partir de uma entrevista com uma filha de pais surdos do Brasil. Além disso, elas apresentam um panorama bem amplo do contexto de Bilinguismo no Brasil e situam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) nesse contexto.

No primeiro tópico – *Contextos de bilinguismo no Brasil*, as autoras começam apresentando um grande mito que é difundido na sociedade brasileira, isto é, que o Brasil é considerado um país monolíngue, cuja língua oficial é a Língua Portuguesa, mas logo rompem com esse mito e esclarecem que há muitas outras línguas faladas no Brasil. Segundo Oliveira (2005), todas as diversas línguas são brasileiras e precisam ser reconhecidas através de políticas linguísticas eficientes que garantam sua legitimação. Entretanto, essa legitimação, muitas vezes, é insuficiente para sustentar essa preservação e conservação das diferentes línguas encontradas no Brasil.

Além disso, segundo as autoras, essa situação gradativamente vem sofrendo mudanças através de políticas linguísticas em longo prazo, principalmente, em regiões de fronteiras do Brasil, nas quais vemos efetivamente essas diversas línguas e, também, vemos essa mudança em relação à Língua Brasileira de Sinais. Um exemplo dessa mudança, segundo as autoras, é a Constituição Brasileira de 1988 que reconheceu as línguas indígenas brasileiras, preservando, assim, suas línguas. Em relação aos contextos linguísticos dos surdos, nos últimos anos ocorreram muitas mudanças, como relatam as professoras, no que tange as políticas linguísticas e que legitimaram a Libras.

No segundo tópico – *Língua Brasileira de Sinais*, as professoras começam explicando o que é a Libras e como ela se organiza do ponto de vista da sua estrutura linguística, apresentando, assim, uma gramática própria. Segundo as autoras, na década de 30 e 40 só havia duas escolas de surdos no Brasil, o Instituto Terezinha, em São Paulo, e o Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro. Isso muitas vezes limitava o acesso ao ensino das pessoas surdas, ou seja, apenas alguns surdos frequentaram essas instituições, e a grande maioria não tinha acesso a qualquer tipo de educação.

Além disso, segundo as autoras, as escolas de surdos, as classes especiais e as escolas regulares por muito tempo não permitiram o uso da língua de sinais em sala de aula e essa situação só começou a se modificar nas décadas de 80 e 90, quando a Associação de Surdos passou a interferir diretamente em algumas escolas surdas. Em 2002, é aprovada a lei 10.436, a qual reconheceu, definitivamente, a Língua Brasileira

de Sinais como língua dos surdos brasileiros. Em 2006, foi criado o primeiro programa de Língua de Sinais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com o intuito de formar professores de Libras. Outro fator bem importante, é que a tecnologia também ajudou de forma significativa para a disseminação do conhecimento, visto que são produzidos vários programas de televisão na TV aberta com a presença de intérpretes de Libras, conforme exigido por Lei Federal.

Entrando um pouco no contexto do estudo de caso, as professoras esclarecem que a CODA entrevistada nessa pesquisa pertence a uma família de surdos da geração de 30, ou seja, geração em que a maioria de surdos não tinha acesso à educação. A entrevistada é do início da década de 70 e cresceu sinalizando com sua família surda, e apenas aprendeu a falar com 5 anos de idade. Além disso, as pesquisadoras mencionam que fizeram duas seções de entrevistas e uma delas não foi estruturada, ou seja, foi uma conversa informal para levantar algumas questões pertinentes à pesquisa.

Desse modo, a entrevista apresentada nesse capítulo é o ponto de partida de pesquisas com sujeitos ouvintes, filhos de pais surdos, no Brasil. Segundo as autoras, investigações desse âmbito ainda são escassas no país e esclarecem que a meta não é estabelecer generalizações a partir de um estudo de caso, e sim lançar um olhar crítico e reflexivo para as fronteiras entre universos surdos e ouvintes a partir da experiência de bilinguismo dos codas.

O terceiro tópico – *Fronteiras e zonas de contato de CODAs*, as pesquisadoras apontam que é muito importante a experiência de nascer, viver e crescer em meio a uma família de pais surdos, uma vez que as percepções culturais, sociais, políticas e linguísticas são atravessadas por substratos filosóficos, éticos e estéticos marcados, muitas vezes, por questões de tensão em zonas fronteiriças de contato. Segundo as autoras, tradição cultural implica efetivamente muitos laços que são construídos a partir de linhas conflituosas e de poder. Além disso, são as convivências do cotidiano que os sentidos e operações tradutórias vão sendo exigidas dos sujeitos envolvidos nesse processo, desafiando linguagens e articulando a língua dentro de laços culturais.

Segundo as professoras, a questão de sinalizar e falar são processos muito distintos que remetem, muitas vezes, a questões de responsabilidade da tradução e de não tornar homogêneo o que é naturalmente heterogêneo, uma vez que em muitos casos

os codas passam por situações de impasse no campo de representação de línguas distintas.

A situação de fronteira subjetiva de um CODA, que pertence a um grupo cultural dos surdos, como dos ouvintes, traz uma grande situação de angústia de tradução, ou seja, como passar para a Língua Portuguesa o que é construído de forma subjetiva em Libras e tão singular em relação aos aspectos culturais? Ou, até mesmo, como traduzir para Libras o que tem dinâmica própria da Língua Portuguesa?

Desse modo, como podemos ver, as pesquisadoras lançam essas tensões existentes entre o sujeito que pertence a dois universos radicalmente distintos, pois o que é relevante em uma cultura linguística pode não ser tão relevante na outra. Segundo as professoras, muitas experiências que são vivenciadas ricamente em Libras perdem sua potencialidade no sentido de construção em Língua Portuguesa, uma vez que a cumplicidade da relação se esvazia, à medida que determinadas situações se tornam imprescindíveis diante de comunidades com perspectivas tão diferentes e singulares.

As autoras começam a fazer análise a partir dos depoimentos da entrevistada considerando aspectos linguísticos, quais sejam morfossintaxe de locação da Libras, pelos recursos metafóricos da Língua Portuguesa, do grau de formalidade e informalidade e também dos aspectos visuais e motores das línguas de sinais, os quais são muito diferentes das línguas faladas. A língua de sinais utiliza um imenso número de exemplificações durante a exposição de um determinado assunto, bem como também apresenta a possibilidade de mostrar as ações nas histórias (piadas), uma da característica dessa língua.

Já no contexto acadêmico, segundo as pesquisadoras, a Libras apresenta outro estatuto de comunicação. Segundo elas, em contextos informais, a sinalização assume contornos que marcam um estilo diferente de sinalizar, com sinais mais familiares, mudança de uso da própria intensidade da palavra, uma vez que o efeito da retórica e a subjetividade implicada assumem outras relações. As relações linguísticas tomam, muitas vezes, formas intrinsecamente relacionadas com espaços de enunciação.

Além disso, segundo as professoras doutoras, quando as duas línguas são desenvolvidas a fim de estabelecer as competências gramaticais e pragmáticas, elas não apresentam uma relação muito simétrica. A perspectiva bilíngue de um CODA em uma escola de ouvintes é negligenciada, segundo as autoras, uma vez que o reconhecimento

das características culturais, sociais e linguísticas deveria ser tomado como elemento relevante para o seu próprio processo interativo escolar.

Segundo as palavras da CODA, as professoras apontam que fica claro que a escola para ouvintes estabelecia uma barreira entre ela (a coda) e seus pais, visto que a escola não sabia língua de sinais e não tentava/ conseguia se comunicar com sua família, ou seja, o espaço escolar privilegiava as línguas faladas, não reconhecendo e legitimamente línguas que não estão em seu currículo.

Desse modo, como podemos ver o espaço escolar tanto para os surdos como para os CODAS tem uma relação intensa com a língua de sinais no espaço doméstico e pouca relação com Língua Portuguesa, se constituindo, assim, segundo as autoras, uma metáfora dura do encontro com o outro que não sabe sinais e nem quer saber. Segundo as professoras, a empatia é um dos elementos que reforça a busca por estratégias adequadas para atender de fato as necessidades do outro. Embora os dilemas sejam distintos, frente às experiências com a alteridade, há muitos pontos similares no que se refere aos aspectos discriminatórios presentes na sociedade contemporânea que não reconhece as diferenças e, infelizmente, a escola reflete essa sociedade.

No tópico – *Palavras Finais*, as pesquisadoras concluem dizendo que este capítulo trouxe algumas reflexões sobre as zonas de contato de uma CODA brasileira e que alguns aspectos foram trazidos para essa discussão com o objetivo de contribuir para reflexões entorno dos contextos brasileiros para esse campo de pesquisa.

O Capítulo 9- – *CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato*, escrito pelas Professoras Doutoradas Ronice Muller de Quadros e Mara Massutti é de fundamental importância para os estudantes de licenciatura, pois proporciona conhecimentos múltiplos e básicos da área de Libras, desde seu panorama histórico até um estudo de caso efetivo. Os alunos que têm interesse na área de estudos, é imprescindível a leitura do capítulo exposto e até mesmo do livro, visto que eles possuem uma linguagem clara e concisa, desde o seu surgimento até sua atual situação hoje em dia.

Além disso, mesmo para os alunos que não possuem interesse pela Libras, é recomendada a leitura do capítulo, uma vez que traz diversas discussões sobre o ensino de línguas em sala de aula, o que é relevante para uma boa atuação em sala de aula. As reflexões apresentadas no capítulo IX nos ajudam a compreender esse grande universo

da Libras, nos causa dúvida e reflexão, nos ajudando a criar um pensamento mais crítico e abrangente em torno do ensino de Libras, o que é imprescindível para um futuro educador.